

DESPEDIDA

RUBEM BRAGA

A AREIA da praia está molhada, choveu durante a noite. O mar, quase imóvel, está cinza; apenas na transparência da pequena onda que avança, ele tem um instante verde, que oscila e cai, tornando espumas.

Descemos lavados, serenos, para a esquina. Uma brisa leve beija as árvores molhadas. Vem pela calçada uma ágil menina, que avança saltando corda; é leve e precisa, atravessa a rua estreita sem olhar os carros que irão se cruzar um segundo depois de seu pé ligeiro, atingir a outra calçada. É tão desprevenida e fina, que talvez pudesse passar, transparente, através dos carros, como se brincasse e corresse em um prado em flor.

Agora são duas mocinhas que se detêm um instante sob uma árvore da esquina, antes de se separarem; cada uma tem sua pasta com os livros e cadernos do ginásio. A chuva fez cair as frutinhas do ficus; de súbito, uma delas descobre um brinquedo, que é pisar essas frutinhas na calçada: a outra adere, deliciada, e ambas, esquecidas da conversa, dos namorados e teoremas, pisam frutinhas, numa dança sutil, fruindo um prazer de infância. Mas, perto se deteve o amolador de facas; faz girar sua roda, encosta-lhe uma fôlha de metal, e um silvo rascante e agudo corta os ares, anunciando seu humilde mister a tôdas as cozinheiras destas redondezas.

As mocinhas se vão, uma para cada lado. A amada se vai: de longe manda um adeus; é um gesto que eu esperava e, entretanto, me faz bem. Abençoado por esse gesto da amiga, ando um pouco para o lado do mar; ele é cinza, mas a pequena onda que se ergue é verde, verde, como olhos verdes.

Claudia 22

DN Mais

8.5.69

"O FLU"

março 77

M 259

CM 4.10.53

~~DN~~

RN 241

DN-5.5.67

264